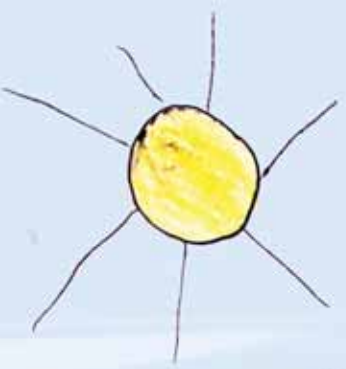


Guia de Boas Práticas sobre o manejo da seringueira

Povo Rikbaktsa



Ficha Técnica:

Coordenação Geral: Associação do povo indígena Rikbaktsa - ASIRIK

Coordenação Técnica - Plácido Costa

Elaboração: Andréia Almeida Bavaresco

Colaboradores: Agentes Ambientais Rikbaktsa

Ilustrações: Professores e Agentes Ambientais Rikbaktsa

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Téo de Miranda

Revisão: Juarez Tarari Rikbaktsa

Egídio Bahi Rikbaktsa

Evanildo Muksõ Rikbaktsa

Grupo de Assistência Técnica, Plantação Edouard Michelin Ltda

Realização:



Apoio:



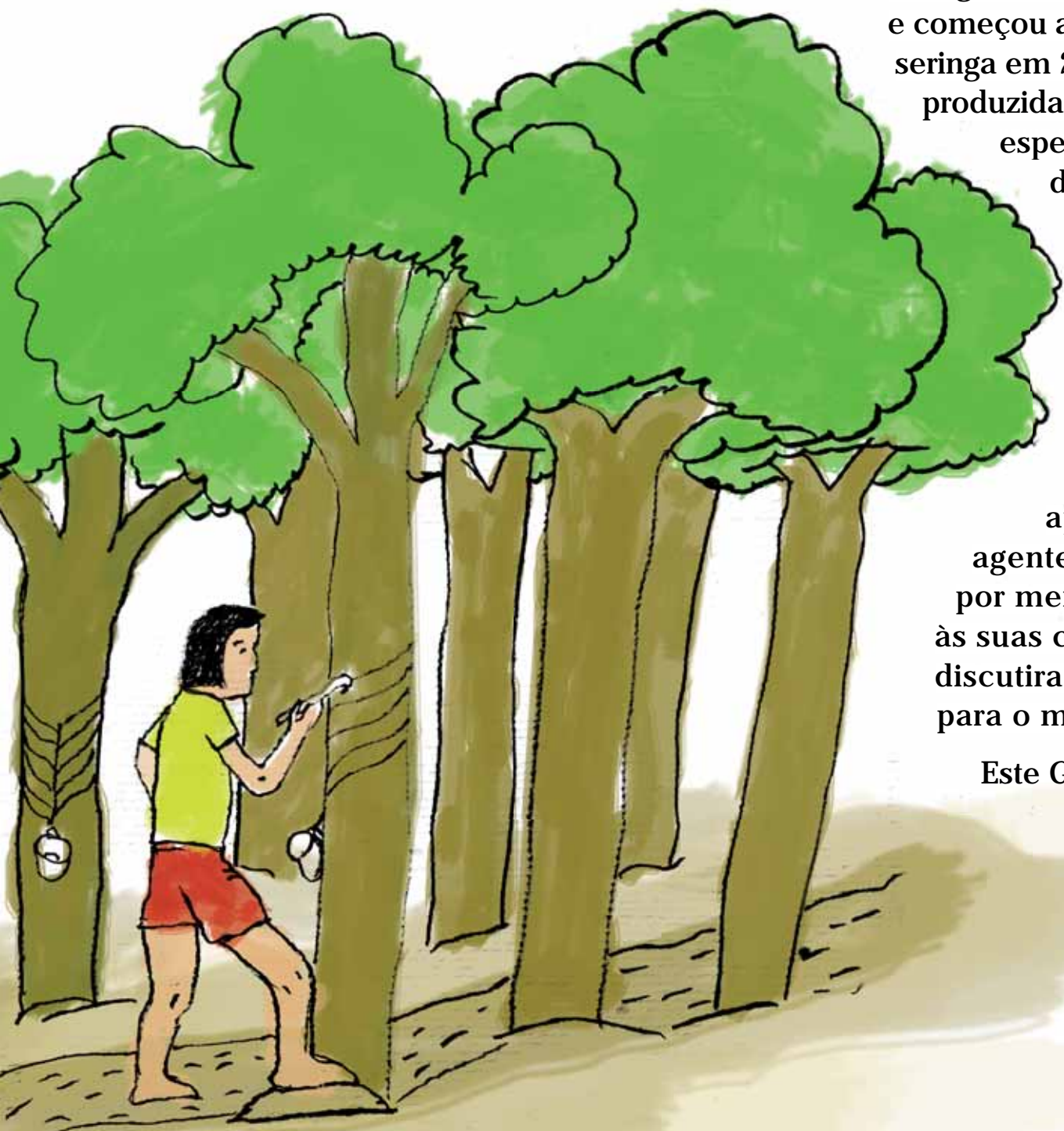
Patrocínio:



Apresentação

Este Guia é o resultado de um longo caminho que os Rikbaktsa vêm trilhando em defesa do seu povo, sua cultura e sua floresta.

Na busca de alternativas ao desmatamento e por meio do uso sustentável da floresta, os Rikbaktsa iniciaram em 2003 o Programa Integrado da Castanha – PIC. O povo Rikbaktsa, usando o conhecimento dos mais velhos e a ciência do *cadire*, começam a manejar seus castanhais. Por meio da organização comunitária e da assessoria dos parceiros, a ASIRIK consegue obter preços mais justos na comercialização da castanha do Brasil com casca.



Nessa caminhada os Rikbaktsa ganharam novos parceiros e em 2007, com o apoio dos projetos de Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade e União dos Povos da Floresta, os Rikbaktsa iniciam um diálogo com a empresa Michelin. A empresa assume um compromisso de apoiar a luta desse povo, oferecendo um preço justo pelos produtos do látex, garantindo a compra de toda a produção das três terras indígenas do povo Rikbaktsa entre outras questões.

É por meio dessas parcerias que o povo Rikbaktsa se organizou, reabriu antigas estradas de seringa e começou a trabalhar. Já na primeira safra da seringa em 2008 uma boa notícia. A borracha produzida nas terras Rikbaktsa, segundo os especialistas da empresa Michelin, é de ótima qualidade. As técnicas dos Rikbaktsa, mesmo sendo diferentes das técnicas dos *cadire*, garantem a produção de um produto competitivo no mercado.

Os principais responsáveis por essa conquista, além dos seringueiros Rikbaktsa que apostaram no trabalho, são os agentes ambientais indígenas, que por meio de um trabalho de orientação às suas comunidades, repassaram e discutiram um conjunto de boas práticas para o manejo da seringueira.

Este Guia é uma maneira de difundir ainda mais esse trabalho. Escrito de maneira simples e colocado na forma de um calendário, pretende auxiliar agentes ambientais e professores na difusão de conhecimentos para o manejo dos seringais.

Janeiro

Usos da borracha natural na Amazônia



Você sabia que o Brasil consome 300 mil toneladas de borracha natural por ano e produz somente 100 mil toneladas ?

A extração do látex da seringueira é feita por “sangria”, ou seja, corta-se a casca da árvore até os tecidos que contêm o látex. Com o látex é produzido a borracha natural, produto largamente utilizado na fabricação de pneus e câmaras de ar. Pneus de aviões possuem grande quantidade de borracha natural assim como artefatos leves de borracha como materiais esportivos, elétricos, calçados, tubos cirúrgicos, preservativos, e em grande número de manufaturados.

Os primeiros registros sobre a utilização da borracha datam do início do século XVIII, quando a nação indígena dos Cambebas já a utilizava, pelas suas propriedades, tais como: fabricação de botas, capas, bolas, flechas incendiárias e, ainda, para deter hemorragias, cicatrizar ferimentos e proteger-se contra o frio.

Em 1839, o pesquisador “Charles GoodYear” descobriu o processo de vulcanização, que tornava a borracha mais resistente e quase insensível a variações de temperatura. A borracha passou, então, a ser largamente utilizada na fabricação dos mais diferentes artefatos em todo mundo, sendo hoje empregada em mais de 40.000 produtos.

A indústria pneumática é a maior consumidora de borracha natural, com praticamente 80% da produção mundial. Apesar das inúmeras aplicações da borracha, descobertas pelo homem, na natureza, as funções do látex nas árvores são bem diferentes: cicatrização das feridas das plantas, controle dos ataques de insetos e reserva do suprimento de água.

Janeiro 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24 31	25	26	27	28	29	30

1 - Confraternização Universal

Janeiro 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23 30	24 31	25	26	27	28	29

1 - Confraternização Universal



Fevereiro

Caçando a madeira no mato

É andando na mata que iremos conhecer melhor nosso território e identificar novas seringueiras para podermos trabalhar.

As caçadas e pescarias coletivas são boas oportunidades para nosso povo procurar novas estradas de seringa. Quando as mulheres e crianças vão para roça ou para o mato coletar sementes para fazer artesanato devem prestar bastante atenção para encontrar novas seringueiras. Para andarmos no mato precisamos dos seguintes equipamentos e materiais: facão, botina, machado, lima, arco e fecha.

Essa atividade pode ser feita durante todo o ano. Sabemos que o povo gosta mais de andar durante a seca. A caçada de novas madeiras pode ser feita em época em que as seringueiras trocam as folhas e precisamos deixar as árvores descansarem um pouco.

Essa atividade também é importante para a fiscalização da terra indígena. Quando andamos em nosso território conhecemos os limites e os pontos de entrada dos cadire.




O trabalho com a seringa e com a castanha do Brasil são formas de fazermos a GESTÃO do nosso território.

Atualmente nós encontramos alguma dificuldade em relação a essa atividade. É que nossos jovens estão andando menos pela terra indígena ou mesmo, entre as aldeias. Com os carros e barcos e com a cidade tão perto, os jovens estão caçando e pescando menos. Por isso lembramos que andar no mato também é cuidar da terra. Só assim vamos conhecer nossas riquezas e cuidar bem delas, mantendo nossa floresta em pé.

Felizmente com essa parceria com o PNUD, SEMA, FUNAI, ASIRIK, Michelin e STR de Aripuanã, nossos jovens estão envolvidos com o mapeamento dos seringais e das estradas de seringa. Os mapas são ferramentas do cadire que nosso povo está usando para planejar o uso de nossa terra e dos nossos recursos naturais.











Fevereiro 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5 	6
7	8	9	10	11	12	13
14 	15	16	17	18	19	20
21	22 	23	24	25	26	27
28 						

15 e 16 - Carnaval

Fevereiro 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3 	4	5
6	7	8	9	10	11 	12
13	14	15	16	17	18 	19
20	21	22	23	24 	25	26
27	28					

-  Lua crescente
-  Lua cheia
-  Lua minguante
-  Lua nova

Março

Abrindo as estradas e contando a madeira

Agora que nós, seringueiros Rikbaktsa, já caçamos as madeiras e sabemos onde elas estão é hora de pegar o facão, a foice, a lima, nossa botina e abrir as estradas. Cada seringueiro tem as suas estradas. Nós decidimos junto quem fica com a estrada que caçou.

Para abrir a estrada da seringa e limpar em volta da madeira, devemos roçar e retirar os cipós e madeiras caídas. Isso serve para facilitar nossa caminhada e nosso trabalho pela estrada. Serve também para que o coágulo, quando estiver encanecado, receba menos sujeiras e mantenha uma melhor qualidade. O *cadire* chama isso de MANEJO do seringal e das seringueiras.

A abertura de novas estradas ou reabertura de estradas antigas se inicia no final da seca e no começo das chuvas, um pouco antes de começarmos a sangrar a madeira e deve ser realizada durante dez meses por ano.

Após a limpeza das estradas e a limpeza em volta da madeira é hora de contar o número de estradas e o número de seringueiras. O *cadire* chama isso de CENSO. Vamos fazer o censo de quantas estradas e quantas madeiras cada seringueiro terá para trabalhar durante a safra.

Essas informações são importantes para que cada seringueiro e as comunidades façam o planejamento da safra. Sabendo quantas estradas e quantas árvores estão produzindo podemos estimar qual será a produção de cada ano.

Cada seringueiro deve ter um caderno com essas informações, que devem ser repassadas para os coordenadores da seringa de cada aldeia. Dessa maneira é possível controlar a produção e saber quanto cada aldeia está recebendo por sua colheita.

O caderno de controle da produção deve contar as seguintes informações: nome da estrada, localização da estrada, número de árvores e número de árvores produzindo.



Março 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7 ☾	8	9	10	11	12	13
14	15 ☉	16	17	18	19	20
21	22	23 ☾	24	25	26	27
28	29	30 ☉	31			

Março 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4 ☉	5
6	7	8	9	10	11	12 ☾
13	14	15	16	17	18	19 ☉
20	21	22	23	24	25	26 ☾
27	28	29	30	31		



7 e 8 - Carnaval

Abril

Preparando a madeira para produção:

A definição do painel e o risco com régua

Cada seringueiro já tem as suas estradas e sabe exatamente quantas madeiras estão boas para sangrar. As madeiras que estão com mais de 50 cm de grossura à altura do peito do seringueiro estão preparadas para produzir.

É hora de colocar a mão na massa, ou melhor, colocar a mão na borracha. Vamos pegar as ferramentas e sair para o mato preparar as madeiras para produção. Antes de sair da aldeia cada seringueiro Rikbaktsa prepara seu *xire* com as canecas reserva, faca de sangria e ismiril de afiação.

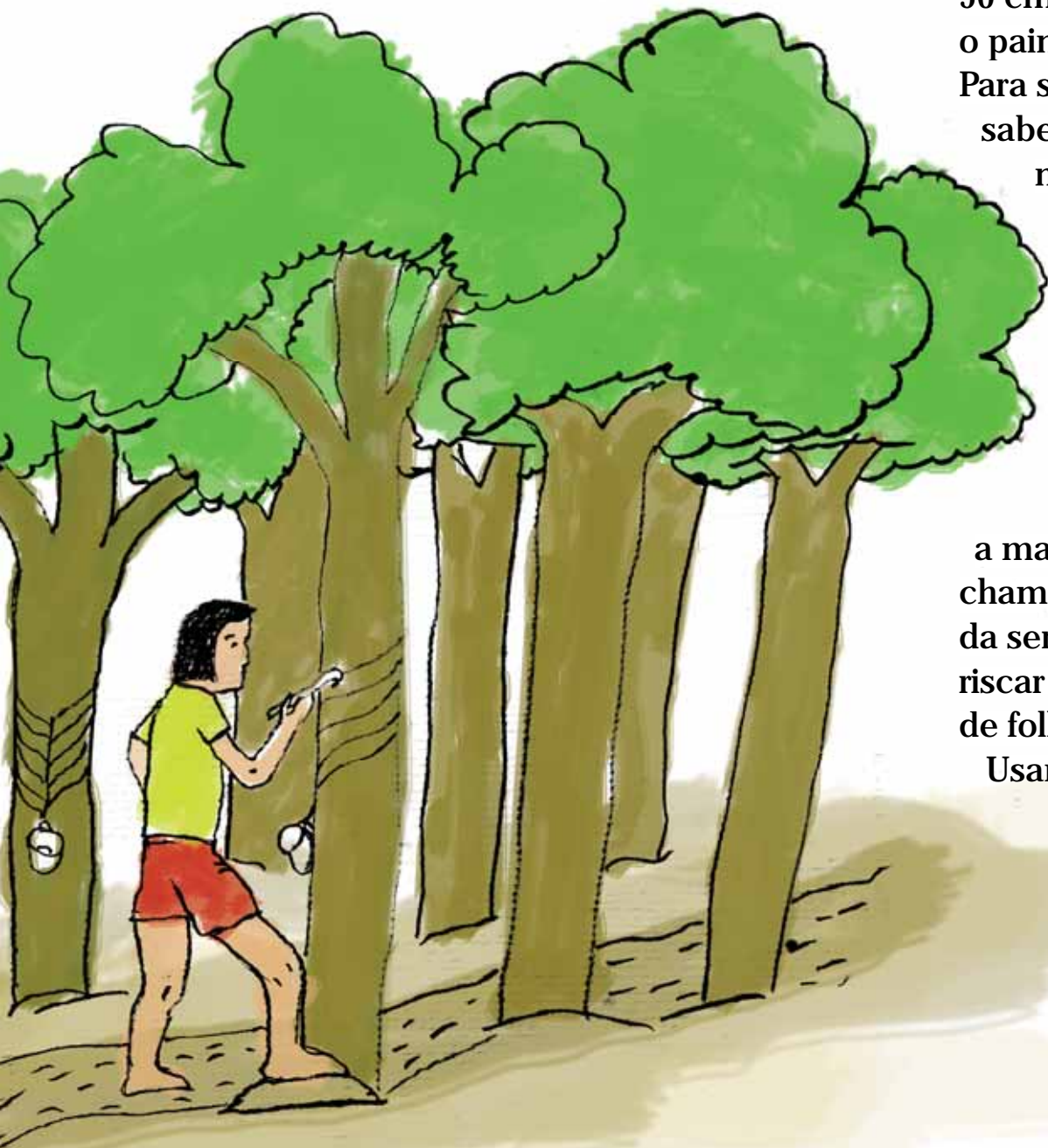
É importante saber quanto tempo iremos levar até a estrada para saber se é preciso levar comida, arco e flecha ou mesmo saber se é necessário construir uma barraca na mata para dormir.

Chegando à estrada a primeira coisa que se deve fazer é dividir os troncos das árvores em duas partes iguais. Isso serve para definirmos qual lado da madeira iremos usar. Enquanto usamos um lado da madeira o outro lado descansa. Cada lado deve ser usado por 05 anos. O cadire chama isso de **definição do painel**.





Para definição do painel devemos medir a largura da madeira e dividi-la ao meio. Se uma árvore tem 50 cm de largura, por exemplo, utilizamos para o painel de sangria 25 cm da largura da madeira. Para saber que tipo de painel definir é preciso saber qual o tipo de sangria vai ser realizado nas madeiras. A sangria que vem sendo usada pelos seringueiros Rikbaktsa, de acordo com as recomendações técnica da empresa Michellin, nosso principal parceiro comercial, é a atualmente **sangria descendente** (de uma metade da árvore).

Após definir qual banda da madeira a sangrar (conhecido como painel) devemos riscar a madeira com régua para definir o que o *cadire* chama de geratrizes (linhas que dividem o tronco da seringueira em duas partes iguais) e ângulo. Para riscar a madeira devemos usar um instrumento feito de folha de zinco chamado gabarito ou bandeira.

Usando esse instrumento podemos fazer uma boa marcação para começarmos a sangrar a madeira. É esse instrumento que define o ângulo. O ângulo usado para riscar a madeira deve ser de 37 graus. Esse risco deve ser feito da esquerda para a direita e de cima para baixo.







Abril 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6 	7	8	9	10
11	12	13	14 	15	16	17
18	19	20	21 	22	23	24
25	26	27	28 	29	30	

2 - Paixão de Cristo 21 - Tiradentes

Abril 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3 	4	5	6	7	8	9
10	11 	12	13	14	15	16
17	18 	19	20	21	22	23
24	25 	26	27	28	29	30

21 - Tiradentes 22 - Paixão de Cristo



Maio

Preparando a madeira para a sangria: A abertura do painel e encanecamento das seringueiras

As madeiras que estão prontas para produzir já estão identificadas e com o painel definido. Vamos agora fazer a primeira sangria. O *cadire* chama o primeiro corte na madeira de abertura do painel. Para abrir o painel precisamos fazer uma limpeza da casca da seringueira, logo acima da linha de corte, de modo que a faca se encaixe perfeitamente para realização da sangria.

Linha de corte é uma marcação que se faz no tronco da árvore, com o auxílio da bandeira e do riscador, onde será realizada a abertura do painel. Essa marcação deverá ter um ângulo de 37° em relação à horizontal.



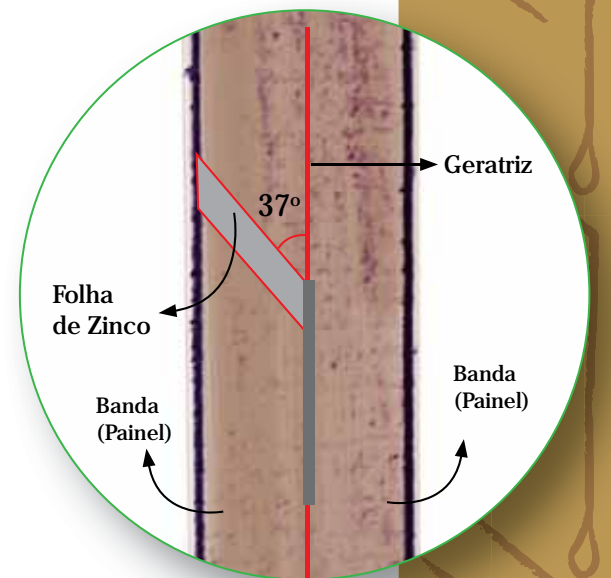
A bandeira é constituída por uma régua, ou sarrafo de madeira e alumínio, medindo 1,30 m de comprimento.

Sua extremidade é fixada por folha de zinco (chapa fina galvanizada), na forma de um triângulo, de modo que o ângulo formado por ela e a linha vertical (linha da geratriz) seja de 37° graus.





A abertura do painel poderá ser realizada nos meses de março e setembro (época do início da safra e da safrinha).

Agora só falta colocar a caneca que irá receber o látex após o corte. Vamos precisar das canecas, que já foram distribuídas pela empresa Michellin aos seringueiros Rikbaktsa e das bicas-suporte das canecas. A cumbuca ou caneca será colocada ao final do risco desenhado com a régua, ou seja, no ponto baixo do painel de sangria.

A cumbuca ou caneca deve ser de material liso, que não gruda, para facilitar a retirada da borracha depois de coagular. O suporte das cumbucas ou bica deve ter um formato que evita ferir a planta em sua fixação. Para fixar a cumbuca na madeira devemos prestar atenção em alguns detalhes: Devemos tomar cuidado para que a bica fique inclinada e não deitada e que o suporte fique bem preso na madeira para que a caneca não caia no chão com o peso da borracha.







Maio 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4	5	6 	7	8
9	10	11	12	13	14 	15
16	17	18	19	20 	21	22
23	24	25	26	27 	28	29
30	31					

1 - Dia do Trabalho

Maio 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3 	4	5	6	7
8	9	10 	11	12	13	14
15	16	17 	18	19	20	21
22	23	24 	25	26	27	28
29	30	31				

1 - Dia do Trabalho



Junho

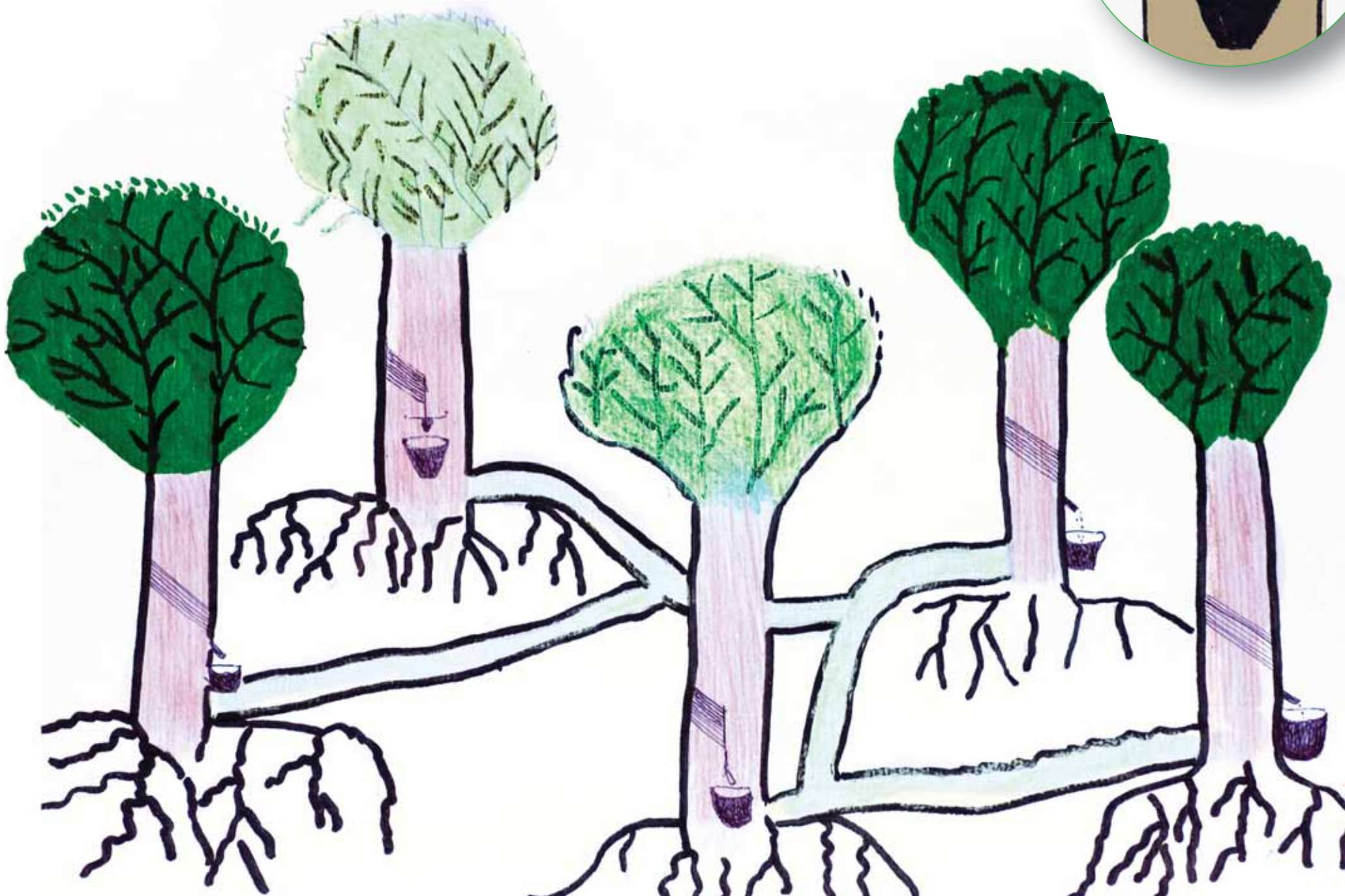
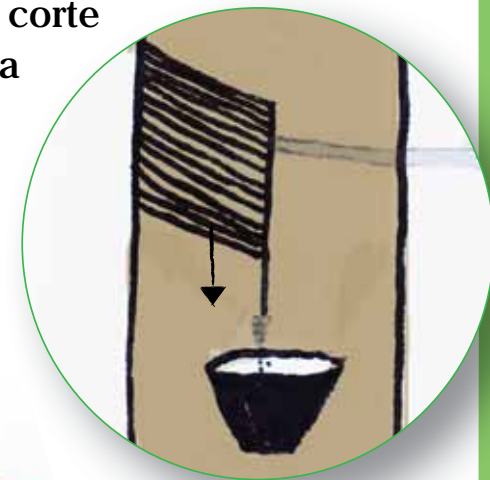
O jeito certo de sangrar a madeira: Técnicas de sangria

Para nós Rikbaktsa, é chegado o momento mais importante da atividade de extração da borracha. É hora de sangrar a madeira para retirar o látex que iremos coletar, beneficiar e comercializar. A sangria é a operação mais importante realizada num seringal, uma vez que está diretamente ligada à produção final. A sangria utilizada na Amazônia pelos seringueiros tem a forma da letra V e leva o mesmo nome.

Atualmente, a sangria recomendada pelos nossos parceiros da empresa Michellin é a sangria de uma metade da árvore (sangria descendente).

O painel da sangria é feito a partir de 1,2 m de altura da árvore da seringueira para baixo, onde o seringueiro começa a tirar a casca para realizar a sangria. Esta técnica propicia boa produção, escoamento na canaleta do corte e causa poucos ferimentos na seringueira.

Sangria descendente



Atenção!

- Devemos cortar somente as seringueiras que possuem mais de 50 cm de grossura, a uma altura de 1,2 metros (mais ou menos à altura do peito), e uma espessura de casca mais ou menos igual a largura da lâmina de um facão (1,4 milímetros);
- Cortar a fita mais larga não aumenta a produção, causa um rápido consumo do painel e não dá tempo para renovação da casca para futuras sangrias, diminuindo a vida útil das árvores;
- A sangria deve ser profunda sem tocar no cerne (película que fica entre a casca e a madeira, responsável pela regeneração da casca) porque a maior produção do látex vem da casca mole (vasos lactecíferos) próximos ao cerne;
- Todo ferimento na madeira impede a regeneração da casca, criando caroços, o que dificulta as sangrias futuras no local;
- A sangria é geralmente realizada nos meses de março a julho, conhecida como a safra da seringa e de outubro a dezembro, conhecida como a safrinha.



Equipamentos necessários para sangria: faca de sangria, canecas, bica-suporte e a pedra de afiação (equipamento utilizado para afiação das facas de sangria, visando a melhor produção na sangria).



Junho 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	3	4	5
					☾	
6	7	8	9	10	11	12
						☉
13	14	15	16	17	18	19
						☾
20	21	22	23	24	25	26
						☉
27	28	29	30			

3 - Corpus Christ

- ☾ Lua crescente
- ☉ Lua cheia
- ☾ Lua minguante
- ☉ Lua nova

Junho 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
			☉			
5	6	7	8	9	10	11
				☾		
12	13	14	15	16	17	18
			☉			
19	20	21	22	23	24	25
				☾		
26	27	28	29	30		

23 - Corpus Christ

A importância da frequência

O painel já está aberto e as seringueiras estão encanecadas. Agora precisamos estabelecer o número de vezes por semana que cada seringueira irá ser cortada. O *cadire* chama de frequência a quantidade de dias que vamos deixar as madeiras descansarem antes de sangrar novamente. Por exemplo, podemos sangrar as madeiras de uma mesma estrada de três em três dias. Assim a frequência de sangria da estrada será de três dias. É muito importante obedecer à frequência, para que a madeira se acostume em produzir a mesma quantidade de látex durante os dias em que estiver descansando.





A frequência corresponde aos dias de intervalo entre duas sangrias numa mesma árvore. Pequenos intervalos, entre uma sangria e outra, aumentam o consumo de casca e o trabalho e diminuem a vida útil da árvore. Por outro lado grandes intervalos diminuem a produção.

É importante, no momento de sangrar a madeira novamente, prestar bastante atenção e acompanhar o primeiro corte. Isso serve para não machucar a árvore com um corte muito fundo. O seringueiro deve medir a profundidade do corte com um equipamento chamando **ferrinho** (sonda) conhecido pelos seringueiros.






Após o estabelecimento da frequência vamos esperar a borracha coagular (qualear). O *cadire* chama de coagulação a transformação do látex da forma líquida para a forma sólida (encorpada), como se fosse um queijo na caneca. A coagulação do látex ocorre naturalmente na caneca, levando, no entanto, quase 01 dia para se realizar.



Julho 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4 	5	6	7	8	9	10
11 	12	13	14	15	16	17
18 	19	20	21	22	23	24
25	26 	27	28	29	30	31

Julho 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
					1 	2
3	4	5	6	7	8 	9
10	11	12	13	14	15 	16
17	18	19	20	21	22	23 
24 / 31	25	26	27	28	29	30 

-  Lua crescente
-  Lua cheia
-  Lua minguante
-  Lua nova

Agosto

Recolhendo os quáleos nas canecas: A coleta

Agora vamos coletar nossa produção. Passar pela estrada recolhendo o látex coagulado nas canecas. Passamos de seringueira em seringueira retirando os quáleos das canecas e depositando num latão de 20 litros ou no *xire*, cesto Rikbaktsa feito de palha de açai. A coleta pode ser feita de três em três dias, toda semana ou de quinze em quinze dias. Depende do local e tamanho da estrada e da frequência que o seringueiro estabeleceu para a sangria.

Procedimentos de coleta dos quáleos:

- a) retire os quáleos das canecas;
- b) coloque-o nos latões ou tambores;
- c) leve os latões ou *xires* para a barraca do seringueiro.

A produção pode ser remontada ou superposta, isto é, após coagulado o látex do dia na caneca, essa pode receber novo látex no dia seguinte, sobre o coágulo.

Os materiais utilizados para coleta e armazenamento dos quáleos são: um latão ou tambor de 20 litros, com alça para o ombro e girau feito de madeira caída.

Devemos tomar muito cuidado para que os quáleos não entrem em contato com o chão. Por isso devemos retirar os quáleos dos latões e armazená-los nos giraus. Isso serve para não sujarmos os quáleos e evitarmos a entrada de folhas e outras impurezas na caneca. A coleta é feita durante todo o período de sangria. Os quáleos são levados para a barraca do seringueiro ou para as margens dos córregos, onde serão lavados e prensados.



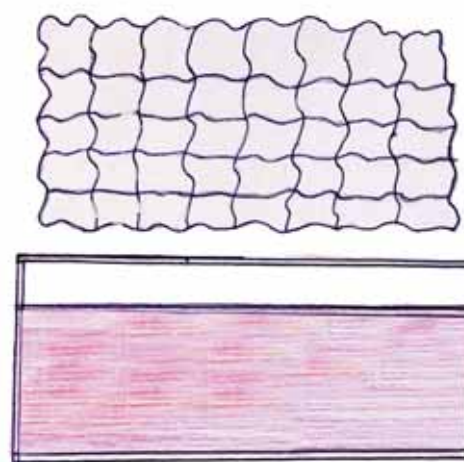
Procedimentos de armazenamento dos quáleos:

a) o armazenamento dos quáleos deve ser feito em local sombreado, para se evitar a oxidação da borracha, que é causada pelos raios solares. Devemos também evitar locais sujeitos à poeira ou a qualquer tipo de sujeira que possa contaminar ou prejudicar a qualidade da borracha;

b) nas barracas devemos armazenar a produção em giraus para facilitar o carregamento para a aldeia. Assim que o coágulo chegar no barracão, deverá ser pesado e seu peso anotado no caderno do seringueiro para controle de produção.

Atenção!

Mantenha os equipamentos de coleta e armazenamento do quáleo sempre limpos, evitando-se, assim, perdas na qualidade do produto.



- Lua crescente
- Lua cheia
- Lua minguante
- Lua nova

Agosto 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Agosto 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

Setembro

A prensagem dos quáleos:

A formação das barras

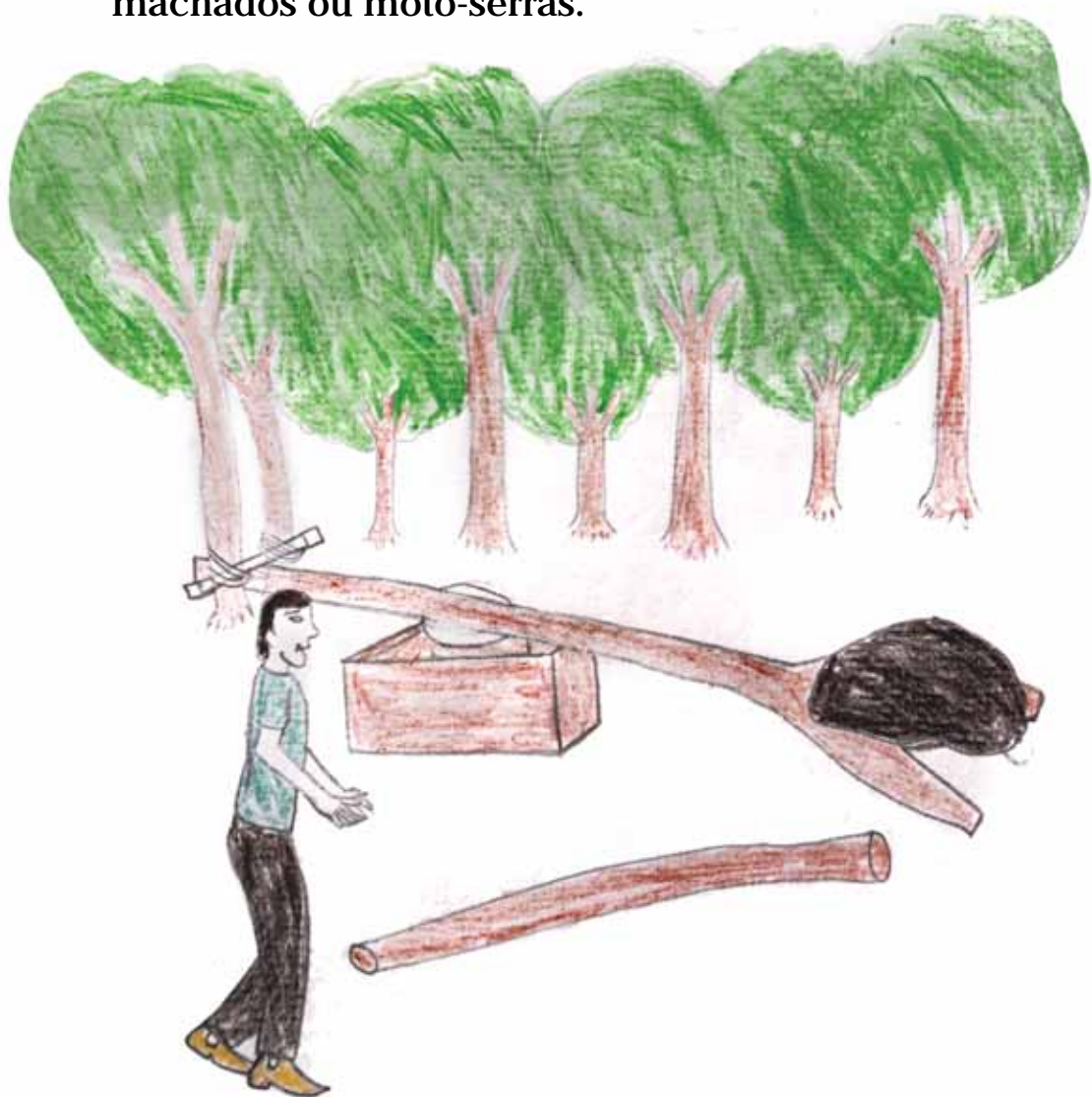
Estamos finalizando a nossa produção de borracha. Já coletamos os quáleos nas seringueiras e armazenamos em local apropriado, próximo as barracas dos seringueiros. Agora vamos lavar os quáleos e prensar a borracha.

A prensagem consiste na transformação dos quáleos em barras de borracha. Para podermos prensar os quáleos vamos precisar fabricar as prensas, feitas de madeira. O povo Rikbaktsa aprendeu a fazer as prensas com os primeiros seringueiros que trabalharam na nossa Terra Indígena. Agora fazemos nossas próprias prensas para conseguir a nossa produção.



O *cadire* chama essa técnica de produção de barras de *Cernambi Virgem Prensado - CVP* em cochos de madeira. Os cochos de madeira são confeccionados no próprio local pelos seringueiros Rikbaktsa com machados ou moto-serras.



Antes de prensar os quáleos devemos lavá-los bem e colocá-los dentro da prensa. Após preenchermos toda a prensa com quáleos fechamos a prensa com uma espécie de tampa que faz peso sobre a caixa de madeira fazendo com que os quáleos se juntem uns aos outros formando uma barra de borracha. A barra que é o nosso produto final para a venda. As barras demoram de três a quatro dias para serem formadas e são transportadas para as aldeias em sacos ou *xires*. O transporte das barras para as aldeias é a maior dificuldade que o seringueiro Rikbaktsa encontra atualmente. As estradas são distantes e de difícil acesso. É comum as barras de borracha terem um cheiro não muito agradável.



Setembro 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
			1 	2	3	4
5	6	7	8 	9	10	11
12	13	14	15 	16	17	18
19	20	21	22	23 	24	25
26	27	28	29	30		

7 - Independência do Brasil

Setembro 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4 	5	6	7	8	9	10
11	12 	13	14	15	16	17
18	19	20 	21	22	23	24
25	26	27 	28	29	30	

7 - Independência do Brasil



Outubro

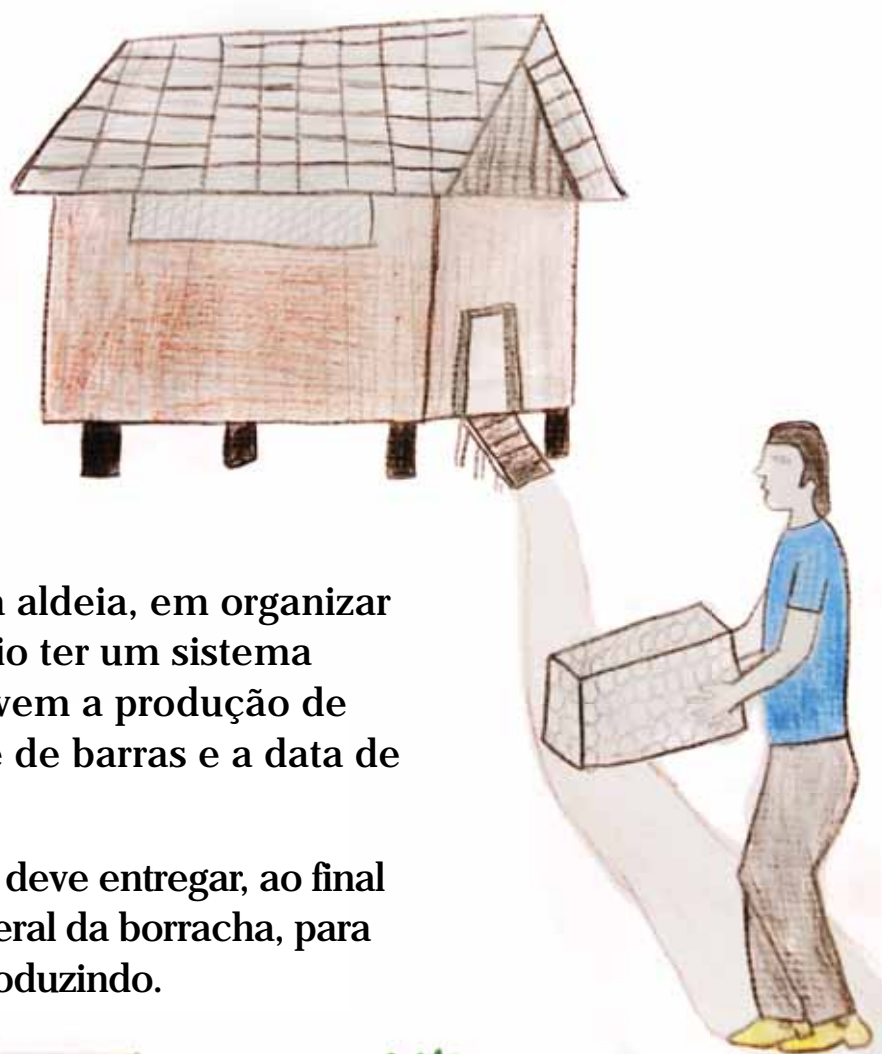
Armazenamento das barras e controle da produção

Nós, seringueiros Rikbaktsa, armazenamos a produção da atividade da borracha em barracões de telha reciclada e madeira, com o chão suspenso aproximadamente 0,5 metro e com frestas entre as madeiras para que o ar possa circular bem.






As barras de borracha são armazenadas após a prensagem, quando já estão secas e com o cheiro menos forte. O barracão deve ser construído não muito próximo da aldeia, para evitar o contato com animais domésticos ou crianças. Para transportar a produção da mata para aldeia o ideal seria que tivéssemos transporte adequado, como trator, caminhão e barco.

Os coordenadores da borracha são os responsáveis, em cada aldeia, em organizar a chegada da produção nos barracões. Para tanto é necessário ter um sistema de controle da produção. É muito importante saber de onde vem a produção de cada aldeia, o nome do seringueiro, da estrada, a quantidade de barras e a data de entrada e saída da produção.

Para isso cada coordenador da borracha, de cada conglomerado deve entregar, ao final de um lote de produção, os seus controles para o coordenador geral da borracha, para que possamos ter informações sobre quanto e como estamos produzindo.







Outubro 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
					1 	2
3	4	5	6	7 	8	9
10	11	12	13	14 	15	16
17	18	19	20	21	22	23 
24 31	25	26	27	28	29	30 

12 - Nossa Sra. Aparecida - Padroeira do Brasil

Outubro 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
						1
2	3	4 	5	6	7	8
9	10	11	12 	13	14	15
16	17	18	19	20 	21	22
23 30	24 31	25	26 	27	28	29

12 - Nossa Sra. Aparecida - Padroeira do Brasil

-  Lua crescente
-  Lua cheia
-  Lua minguante
-  Lua nova

Novembro

Escoando a produção





O escoamento da produção nas Terras Indígenas Rikbaktsa ainda se constitui como um desafio para nosso povo. Nossas terras indígenas são distantes dos grandes centros e não possuímos estradas ligando os seringais as aldeias e nem transporte suficiente, como barcos cargueiros e caminhões, para retirar a produção das aldeias.

A associação do povo indígena Rikbaktsa - ASIRIK tem sido a principal responsável pela organização do escoamento da produção e da comercialização da borracha. Ela faz os contatos para comercialização e organiza o transporte para retirarmos a produção da terra indígena. Os coordenadores da borracha e caciques também ajudam nessa negociação.

Também estamos trabalhando para melhorar o sistema de escoamento da produção. Para tanto a FUNAI está apoiando a aquisição de dois barcos cargueiros e a construção de barracões de armazenamento em locais estratégicos nas terras indígenas. A ASIRIK já possui um pequeno caminhão e é necessário um caminhão um entreposto em Juína. Esse entreposto seria um barracão que congregasse toda a produção das três terras indígenas. Quando chegássemos a uma quantidade suficiente para comercializar, os coordenadores da ASIRIK e os coordenadores da borracha entrariam em contato com os compradores para a comercialização da produção de borracha armazenada.







Novembro 2010

D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6 
7	8	9	10	11	12	13 
14	15	16	17	18	19	20
21 	22	23	24	25	26	27
28 	29	30				

2 - Finados

15 - Proclamação da República

Novembro 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2 	3	4	5
6	7	8	9	10 	11	12
13	14	15	16	17	18 	19
20	21	22	23	24	25 	26
27	28	29	30			

2 - Finados

15 - Proclamação da República



Dezembro

Conhecendo a seringueira

O *cadire* dá nomes às plantas e animais por meio de uma ciência que ele chama de taxonomia. Através da taxonomia, todas as espécies possuem um nome científico. Esse nome científico é um nome igual que todos os pesquisadores do mundo dão para todos os animais e plantas que eles conhecem. Por exemplo, um pesquisador brasileiro e um pesquisador alemão dão o mesmo nome científico para a seringueira. Os nomes das plantas e animais mudam muito de lugar para lugar o que causa muita confusão, mas o nome científico não muda, ele é sempre o mesmo em qualquer lugar do mundo. O nome científico das plantas é sempre

composto por duas palavras. A primeira indica o gênero da planta e a segunda indica a espécie.

A seringueira, pertencente ao gênero *Hevea*, da família Euphorbiaceae. Existem outras plantas que também fazem parte do gênero *Hevea* mas a seringueira é o tipo mais importante. O nome científico da seringueira é *Hevea brasiliensis*. A seringueira é uma planta nativa das florestas tropicais. Ou seja as florestas são o habitat natural da seringueira. Trata-se de uma árvore de grande porte, que pode atingir até 40 m de altura.



Dezembro 2010





D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5 ○	6	7	8	9	10	11
12	13 ◐	14	15	16	17	18
19	20	21 ●	22	23	24	25
26	27	28 ◑	29	30	31	

25 - Natal

Dezembro 2011

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2 ◐	3
4	5	6	7	8	9	10 ●
11	12	13	14	15	16	17
18 ◑	19	20	21	22	23	24 ○
25	26	27	28	29	30	31

25 - Natal

-  Lua crescente
-  Lua cheia
-  Lua minguante
-  Lua nova

Realização:



Apoio:



Patrocínio:

